MOTIVAÇÕES INTRÍNSECAS E EXTRÍNSECAS EM PROL DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

BÁRBARA LAKATOS GALDINO

RESUMO
O objetivo dessa pesquisa é identificar quais são as motivações intrínsecas e extrínsecas dos alunos de ensino fundamental I e destacar a sua importância no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa baseou-se em estudos bibliográficos que forneceram informações sobre o assunto pesquisado. Os resultados evidenciam que a motivação dos alunos é considerada como uma força dinamizadora do processo de educação que pode atingir os mais variados níveis de ensino, tanto no desempenho educacional, na quantidade de horas que eles passam estudando, e nas conquistas acadêmicas, quanto traz um nível importante de satisfação em suas vidas. Dessa forma, conclui-se que, quando exigimos de nossos alunos que aprendam ou absorvam um conteúdo, sem deixar claros os motivos que os fazem primordial para a vida desse aluno, exigimos que ele se esforce em algo pelo qual ele não tem nenhuma identificação e nem motivação em aprender.

PALAVRAS-CHAVE: Motivação; Intrínseca; Extrínseca; Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A motivação é um fator indispensável para a realização do aprendizado. É ela quem deixa o indivíduo disposto as pequenos tarefas do seu dia. Refletindo sobre o ambiente escolar e os problemas existentes nele, cita-se as motivações intrínseca e extrínseca do aluno destacando-se a importância dessas motivações individuais e estimulando-os a criá-las.
Motivação intrínseca, também conhecida como motivação interna, está relacionado à força interior que é capaz de se manter ativa mesmo diante de adversidades, Já a motivação extrínseca, também conhecida como motivação externa, está conectada ao ambiente, às situações e aos fatores externos.
Através de teóricos e a vivência no cotidiano, buscaremos destacar a importância de se ter um aluno motivado em sala de aula e desenvolver maneiras e técnicas de como lidar com essa situação em sala de aula e como professores e responsáveis podem ajudar nesse contexto, afim de chegar em uma conclusão na melhoria dessa forma de ensino e como utilizar essas habilidades sem causar grande impacto no educando.
Podemos atribuir a falta de motivação das crianças por viverem em um mundo repleto de tecnologias, por mais que as pessoas saibam da importância da educação para o desenvolvimento da criança, cada vez mais é um desafio para o professor buscar estratégias para que possíveis soluções sejam tomadas.
Nesse processo, teremos como objetivos identificar quais são as motivações intrínseca e extrínseca, além de compreender e destacar a importância delas no processo de aprendizagem dos alunos de Ensino Fundamental I.
Quando exigimos de nossos alunos que aprendam ou absorvam um conteúdo, sem deixar claros os motivos que os fazem primordial para a vida desse aluno, exigimos que ele se esforce em algo pelo qual ele não tem nenhuma identificação e nem motivação em aprender.
Assim, esse trabalho tem como objetivo conhecer as motivações individuais dos alunos e, a partir desse entendimento compreender como o processo de aprendizagem é construído. Os objetivos específicos apresentam a definição de motivação intrínseca e extrínseca e destaca a sua importância no processo de aprendizagem.
Este artigo é uma pesquisa e revisão bibliográfica sobre o tema, focando principalmente na obra “Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo” de Boruchovitch, E., Bzuneck, J. A. e Guimarães, S. E. R, além de revistas e artigos que falam sobre o tema de forma geral, embasa-se nossa tese na Teoria da Autodeterminação, com base nos estudos de Guimarães e Bzuneck (2008).
No primeiro capítulo, aborda-se a definição e o conceito de motivação intrínseca e extrínseca baseados nos estudos e autores

citados anteriormente, além de compará-los. No segundo capítulo, destaca-se a sua importância no processo de aprendizagem das crianças de Ensino Fundamental I. No terceiro, falaremos sobre a Teoria da Autodeterminação, e no quarto e último capítulo, revisaremos o que diz a BNCC sobre o tema.

O QUE SÃO MOTIVAÇÕES INTRÍNSECAS E EXTRÍNSECAS: DEFINIÇÕES E TEORIAS.

A partir deste capítulo, procuramos entender o conceito de motivação e suas principais teorias. Chegando então aos conceitos de motivações intrínsecas e extrínsecas, quais as principais diferenças entre as duas e o seu papel na educação. Como elas podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, o que acontece com um aluno motivado intrínseca e extrinsecamente ao se deparar com as situações que envolvem a aprendizagem, os desafios e sua relação com a motivação.

Através desses conceitos, poderemos definir e conhecer as diferentes teorias sobre o assunto, além dos principais teóricos que se dedicaram ao tema.

O QUE É MOTIVAÇÃO.

A palavra motivar tem origem do Latim "motus" que significa mover-se; para fornecer, estimular ou efetuar alguma movimentação interna, impulso ou intenção que faz com que uma pessoa aja de uma certa maneira.

Existem várias definições de motivação, porém, algumas discordâncias sobre sua fonte exata. Podemos dizer então que a motivação foi definida de diversas maneiras, incluindo forças intrínsecas, respostas comportamentais a estímulos e conjuntos de crenças e afetos.

A motivação tem como fenômenos emocionais, biológicos e sociais, tais fenômenos são responsáveis pelo processo por iniciar, direcionar e manter comportamentos para alcançar os objetivos, fazer com que os indivíduos deem o melhor de si, fazendo o possível para conquistar o que mais querem, alguns até passam por cima de outras pessoas para ter o sucesso desejado.

Estar motivado é algo essencial para o desenvolvimento do ser humano. Sem ter motivação é mais difícil cumprir algumas tarefas. É importante ter um estímulo para estudar, fazer exercício físico, trabalhar, etc. O comportamento humano é intrigante e de difícil compreensão o modo pelo qual cada indivíduo se relaciona com o mundo depende de uma série de fatores, internos e externos, muitas vezes conflitantes entre si, talvez esteja justamente na complexidade de sua riqueza e que produz certos tipos de comportamento constituindo-se a motivação humana de uma forma pelos quais pode se explicar o comportamento do homem, uma das causas do comportamento referindo-se a motivação deriva-se provavelmente da psicanálise que emprega ideias como energia e força inconscientes que dirige o comportamento para servir aos propósitos almejados pelas forças. Também sabemos que a motivação não é uma entidade ou força, mas uma expressão que se refere a uma grande variedade de condições que altera relações estímulo resposta. Há 3 tipos de combinação de variáveis, que são fatores que além da energia ou de força determina o comportamento humano.

Vários pesquisadores, que a partir do século XX estudaram e elaboraram uma teoria da motivação, cada qual enfocado em seus sentidos, aspectos que consideram relevante para o tema em questão. Desta forma as teorias de motivação diferem entre si, tornando- se muitas vezes complementares.

A primeira teoria que exerceu uma influência considerável no pensamento contemporâneo foi a teoria da vontade, SHOPENHAUER, que a vê como "fundo íntimo essencial do universo e da vida", sendo que o mundo visível é o espelho da vontade. (GUERRA, 1962).

A segunda teoria é a dos instintos, inspirada em DARWIN, no final do século passado, e desenvolvida por McDOUGALL (1978, p.17) que define o instinto como

> Uma disposição psicofísica inata ou herdada que determina seu possuidor perceber ou dar atenção à objetos de certa classe, experimental uma excitação emocional de qualidade particular ao perceber tal objeto e a atuar em relação a ele de maneira particular, ou pelo menos a experimentar impulso para tal ação.

A mesma é estudada pela psicologia para saber o que faz com que pessoas se comportem, de onde sai a motivação, e o que ocorre quando as pessoas não são motivadas. A motivação é avaliada em certos tratamentos psicológicos em que é necessário saber a disposição real que uma pessoa tem para iniciar um tratamento.
A motivação pode acontecer através de uma força interior, ou seja, cada pessoa tem a capacidade de se motivar ou desmotivar, também conhecida de automotivação, ou motivação intrínseca, ou extrínseca, que é a gerada pelo ambiente que o indivíduo vive, o que acontece na vida da pessoa.

PRÁTICAS DE ENSINO QUE FAVORECEM A MOTIVAÇÃO.

Sabemos que quando o aluno avança nas etapas escolares, algumas exigências começam a aparecer e ele deve se adaptar, como se comportar e permanecer em seu lugar e a seguir novas instruções entre muitas outras muitas mudanças.
Conforme avança nas séries fatores curriculares se tornam mais complexos, ele perde a motivação e aparece dúvidas em relação a capacidade de aprender determinados conteúdos, e, quanto mais avança os problemas tende a serem mais complexos e profundos, por sofrerem influências das exigências das diferentes disciplinas, junto com as características evolutivas dos alunos.
A motivação apresenta dois aspectos, a saber: o qualitativo e o quantitativo. O qualitativo da motivação, pode levar o aluno a ter o maior ou menor envolvimento com a aprendizagem. Alguns alunos têm interesse a aprender, e outros tem problemas por realizar atividades muito rápidas, não se preocupando com a qualidade. O quantitativo pode ser maior ou menor, mais ou menos intenso não se espera que o aluno tenha os níveis baixos de motivação ou que atinja o valor zero em relação as tarefas desafiadoras.
Segundo Friedman (1996, p. 66). diferentes concepções sobre o motivo que impulsiona o ser humano agir, todos chegam a um consenso que motivar é um fator intenso que integra o comportamento humano, a motivação é um fator que influencia o desenvolvimento, se a motivação for grande a criança irá se esforçar para fazer as coisas complexa; com isso, dentro do processo do ensino aprendizagem a motivação para o aprendizado deve acontecer naturalmente, pois o educando motivado será capaz de querer desenvolver-se em todos os aspectos, na escola ou fora dela, o professor ao tornar suas aulas mais atrativas mediante de sua motivação o aluno se sentirá mais apto e capaz de desenvolver suas atividades.
A educação que implica na aprendizagem é um processo permanente, contínuo, buscando o desenvolvimento constante, consciente e responsável, em função de sua transformação e aperfeiçoamento sociopolítico, econômico e cultural (Brito 1989, p.63). Motivar os alunos significa encorajá-los, com seus recursos interiores, seu senso de competência de autoestima, de autonomia e de realização, pois todo educando possui recursos e características especiais e pessoais, como de conhecimentos, talentos, habilidades que poderia ser investido em certas atividades, a motivação é energia para a aprendizagem.
Para atrair a atenção do aluno para o assunto a ser abordado, devemos estimular todos os sentidos, lembrar filmes sobre o assunto, aguçar a curiosidade das crianças, quanto mais jovem o aluno, mas a necessidade de se utilizar recursos variados, o conhecimento do processo é outro fator importante para a aprendizagem, é fundamental prezar pela boa relação entre os professores e o aluno.
Do contrário o aluno pode querer competir com a autoridade de ensino influenciando ainda outros estudantes, para Bzuneck (2010 p. 19) outra forma de atribuir o valor de uma disciplina, conteúdo ou atividade é como um professor da essa importância ao transparecer aos alunos uma dedicação no preparo das aulas, prova sua pontualidade, mostrando entusiasmo e vitalidade, servimos de modelo, para a motivação dos alunos, consiste em diversificar as atividades de aprendizagem.
Devemos criar um clima animador para que trabalhe, utilizando de algumas estratégias, tais como levar novidades para a sala de aula, mudar o tipo de resposta exigida dos alunos, fazer rodízio de lugar entre eles e fazer algumas mudanças em relação aos

aspectos do lugar baseado em pesquisa, os quatros elementos que deve ser contemplado ao planejar as atividades para que sejam potencializadora da motivação: o desafio, a curiosidade, o controle e a fantasia.
A forma como o professor opta em conduzir as atividades em sala de aula mostra sua concepção e forma de lidar com a autoridade e isso reflete nas atitudes, desempenho e emoções dos alunos em relação à escola.
As regras entre professores e alunos se estabelece nas interações e convivências em grupo. Um professor pode mostrar através da fala, gestos, indícios que valoriza mais a participação dos alunos nas aulas e outros valorizam as notas.
Para motivar os alunos a aprenderem, o docente tem que procurar diversificar a metodologia de ensino com jogos, trabalho em grupo, atividades em duplas, apresentando novidades, a mudança do tipo de respostas exigidas, criar situações que despertam curiosidades, proporcionar atividades desafiadoras sendo em níveis intermediário de dificuldades.
Sendo assim, a motivação para aprender, consiste em implementar e manter otimizada todos os alunos da sala de aula, a cada série do ano letivo, ao professor compete funções distintas e complementares em sala de aula de carácter remediador, em que recupera o aluno desmotivado ou reorienta aquele que apresenta uma motivação distorcida se tiver sido diagnosticada.

A TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO.

Dentro do contexto escolar, a motivação tem tido destaque em muitos estudos nos últimos anos. A maior parte desses estudos tem buscado encontrar outras formas de influenciar os estudantes a aumentarem seu envolvimento em atividades no processo de ensino-aprendizagem.
Ainda segundo alguns autores, a motivação é "um processo psicológico no qual interatuam as características da personalidade (por exemplo, motivos, razões, habilidades, interesses, expectativas, perspectiva de futuro) e as características ambientais percebidas", a motivação dos alunos pode ser influenciada pelas mudanças neles mesmos, no seu ambiente de aprendizagem ou na cultura escolar. (LENS; MATOS; VANSTEENKISTE, 2008, p. 17).
Desse modo, a Teoria da Autodeterminação (SDT – Self Determination Theory) tem tido bastante destaque e discussão na área da motivação para o processo de ensino-aprendizagem escolar, já que muitos estudos provam que a motivação produz um efeito na aprendizagem e no desempenho dos estudantes, da mesma forma que a aprendizagem pode interferir na motivação.
Os princípios da Teoria da Autodeterminação mostram que as motivações dos indivíduos são diferentes, além de serem determinadas e direcionadas por contextos que dão subsídios a necessidades psicológicas com diferentes manifestações, o que torna a motivação para a aprendizagem "um fenômeno complexo, multideterminado, que pode apenas ser inferido mediante a observação do comportamento, seja em situações reais de desempenho ou de autorrelato".
Segundo Siqueira e Wechsler (2006, p. 22), o interesse dos pesquisadores pelos aspectos motivacionais na aprendizagem é recente, já que as teorias mais antigas definiam a motivação como uma pré-condição importante. Porém, os estudos mais modernos mostram uma relação recíproca, ou seja, a motivação pode produzir um efeito na aprendizagem e no desempenho assim como a aprendizagem pode interferir na motivação.
A Teoria da Autodeterminação faz uma importante diferenciação entre duas questões motivacionais diferentes: o porquê versus o para que. Qual o objetivo de uma determinada atividade e por que você iria querer realizá-la; quais razões te levam a se esforçar para atingir esse objetivo?
Segundo a reflexão de Laffin (2005, p.26), o professor é "[..]o mediador entre os conhecimentos produzidos em sua área de atuação e a prática pedagógica determinada por um contexto histórico-social". Dessa forma, o profissional tem o dever de sempre acompanhar as novas dinâmicas sociais, assim como as inovações tecnológicas, refletindo-os através do uso de diferentes metodologias de ensino. Além disso, conhecer os seus alunos e suas próprias motivações, pois no ambiente escolar, os estudantes podem ter seu comportamento influenciado por di-

versos fatores, como: pressões concretas, a frequência, ou ser impelido a comparecer às aulas em busca de interações sociais ou para evitar outras atividades.
Ainda seguindo a Teoria da Autodeterminação, a análise da motivação de uma pessoa pode ser classificada em três diferentes grupos: desmotivação, motivação extrínseca e motivação intrínseca. A desmotivação é caracterizada pela ausência de motivação, ou seja, o indivíduo não apresenta um comportamento proativo ou intenção de fazer o que lhe é proposto. "Em tal situação, observa-se desvalorização da atividade e falta de percepção de controle pessoal".
O conceito de motivação extrínseca, pode ser dividido em quatro tipos de regulação do comportamento:
1) regulação externa: que é a forma menos autônoma de motivação, já que, nesse caso, age-se para obter retribuições ou evitar castigos.
2) regulação introjetada: a pessoa lida com as consequências externas mediante o resultado de pressões internas como culpa, ansiedade. Por exemplo: "um aluno pode querer se dedicar, dando o melhor de si na escola, porque seus pais assim exigem e ele não quer desobedecer. Dessa forma, ele estuda, porque não quer se sentir culpado" (LENS; MATOS; VANSTEENKISTE, 2008, p. 19);
3) regulação identificada: é mais independente que as anteriores, já que, nesse caso, podemos identificar alguma interiorização, porém a razão para fazer alguma coisa ainda é de origem externa. Por exemplo: "Um aluno pode se esforçar muito na escola, porque quer chegar até a faculdade e se tornar um médico. Ele se percebe como um futuro médico. Essa motivação do aluno é instrumental, consequentemente, extrínseca, mas ainda se identifica com a razão para estudar" (LENS; MATOS; VANSTEENKISTE, 2008, p. 19);
4) regulação integrada: há certa coerência entre os objetivos, o comportamento, e os valores da pessoa. É a forma mais independente de motivação extrínseca, embora o foco ainda esteja "nos benefícios pessoais advindos da realização da atividade" (GUIMARÃES; BZUNECK, 2008, p. 103).
Por fim, quando falamos em motivação intrínseca, o indivíduo tem interesse e prazer genuínos na realização da tarefa, vendo a atividade como um fim em si mesma. Guimarães e Bzuneck (2008) pontuam que diversas pesquisas têm descoberto variadas associações entre os tipos de motivação e resultados satisfatórios de aprendizagem com o uso de estratégias de processamento profundo de informações, além de bem-estar psicológico (GROLNICK; RYAN, 1989; et al).

O QUE DIZ A BNCC SOBRE O ENSINO FUNDAMENTAL E SEU PAPEL NO PROCESOS DE APRENDIZAGEM.

O Ensino Fundamental é a etapa mais longa da Educação Básica, atendendo estudantes entre 6 e 14 anos, contendo, portanto, crianças e adolescentes que, ao longo desse período, passam por muitas mudanças relacionadas aos aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros. Como indicado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos (Resolução CNE/CEB nº 7/2010), essas mudanças trazem diversos desafios à elaboração de estratégias e planejamentos para essa etapa de escolarização, para que se possa superar as lacunas que se formam na passagem entre as diversas etapas desse processo (BNCC, 2018, pg. 57).
A Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental nos anos iniciais, busca valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, apontando para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Esta articulação deve prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos.
Nessa fase da vida, as crianças estão passando por mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Como destacam as Diretrizes Curriculares Nacionais, a maior desenvoltura e a maior autonomia nos movimentos e deslocamentos ampliam suas in-

terações com o espaço; a relação com múltiplas linguagens, incluindo os usos sociais da escrita e da matemática, permite a participação no mundo letrado e a construção de novas aprendizagens, na escola e para além dela.

A afirmação de sua identidade em relação ao coletivo no qual se inserem resulta em formas mais ativas de se relacionarem com esse coletivo e com as normas que regem as relações entre as pessoas dentro e fora da escola, pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo acolhimento e pela valorização das diferenças.

Ampliam-se ainda as experiências para favorecer o desenvolvimento da oralidade e dos processos de percepção, compreensão e representação, que são elementos importantes para a aprendizagem, por exemplo, do sistema de escrita alfabética e de outros sistemas de representação, como os signos matemáticos. Os alunos interagem com uma variedade de situações que envolvem conceitos e fazeres científicos, desenvolvendo observações, análises, argumentações e potencializando descobertas (BNCC, 2018, p. 57).

Além disso, as vivências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e uma atitude questionadora. O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, interagir com diferentes produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, garante que os alunos ampliem a compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações interpessoais e com a natureza.

As características dessa faixa de idade demandam um trabalho no ambiente escolar que aconteça em torno dos interesses expressados pelas próprias crianças, de suas vivências mais imediatas para que, com base nessas vivências, elas possam ampliar de forma progressiva essa compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar (BNCC, 2018, pg. 58).

Como aponta o Parecer CNE/CEB nº 11/201029

os conteúdos dos diversos componentes curriculares [...], ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo (BRASIL, 2010).

Toda essa responsabilidade impõe à escola diversos desafios ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações. É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de promover a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais.

Entretanto, também é imprescindível que a escola entenda e incorpore melhor as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação, e que através de seu currículo, eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Aproveitando o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode implementar novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes.

O reconhecimento dos estudantes como indivíduos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, reforça o potencial da escola como espaço formador e orientador para a uma cidadania consciente, crítica e participativa.

Dessa forma, ainda no Ensino Fundamental, a escola pode contribuir para a definição do projeto de vida dos estudantes, ao estabelecer uma relação a partir dos anseios desses jovens em relação ao seu futuro. Esse processo de reflexão e de planejamento de ações para construir esse futuro, pode representar mais uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e social (BNCC, 2018, p. 62).

CONCLUSÃO

Através de teóricos e a vivência no cotidiano, o presente artigo buscou destacar a importância de se ter um aluno motivado em sala de aula e desenvolver maneiras para lidar com essa situação em sala de aula e como professores e responsáveis podem ajudar nesse contexto, a fim de chegar em uma conclusão na melhoria dessa forma de ensino e como utilizar essas habilidades sem causar grande impacto no educando.

Podemos atribuir a falta de motivação das crianças por viverem em um mundo repleto de tecnologias, por mais que as pessoas saibam da importância da educação para o desenvolvimento da criança, cada vez mais é um desafio para o professor buscar estratégias para que possíveis soluções sejam tomadas.

Para isso, identificamos quais são as motivações intrínseca e extrínseca, além de compreender e destacar a importância delas no processo de aprendizagem dos alunos de Ensino Fundamental I.

Conclui-se, portanto, que quando exigimos de nossos alunos que aprendam ou absorvam um conteúdo, sem deixar claros os motivos que os fazem primordial para a vida desse aluno, exigimos que ele se esforce em algo pelo qual ele não tem nenhuma identificação e nem motivação em aprender.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Soriano de. (Org.) Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

ANTUNES, Celso. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BIANCHI, Sara Rebecca. A importância da motivação na aprendizagem no ensino fundamenta. 2011. Disponível em: http://www.ufscar.br/~pedagogia/novo/files/tcc/tcc_turma_2008/313653.pdf. Acesso em: 28 jun. 2014.Boruchovitch, E., Bzuneck, J. A. e Guimarães, S. E. R. (2010). Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo. Rio de Janeiro: Vozes,

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A, (Org.). A motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009b. p. 37-57.

_____Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. P. 177-199.

_____A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009b. p. 58-77.

BORUCHOVITH, Evelyn; BZUNECK, José Aloyseo. A motivação do aluno. 4º.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 34. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf

BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A, (Org.). A motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009a. p. 9-36.

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 28. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6324-pceb-011-10&category_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192>.